

# COMO A FAMÍLIA DE ALUNOS SURDOS CONSIDERA A LIBRAS COMO LÍNGUA MATERNA? E O QUE A ACEITAÇÃO OU NÃO IMPLICA NA APRENDIZAGEM DOS INDIVÍDUOS?

## TO WHAT EXTENT DOES THE FAMILY OF DEAF STUDENTS RECOGNIZE THE BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AS MOTHER TONGUE? AND WHAT DOES THE ACCEPTANCE OR NON-ACCEPTANCE INFLUENCE THE LEARNING OF THESE INDIVIDUALS?

<sup>1</sup>PIRES, L.A.; <sup>2</sup>REIS, M. R.

<sup>1e2</sup>Curso de Pedagogia do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos- Unifio

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo verificar se a família compreende a importância da pessoa com surdez aprender a Língua de Sinais – Libras, como sendo esta sua língua materna. Com a proposta da Educação Inclusiva no Brasil, é crescente a presença do público da educação especial no contexto escolar, vale ressaltar as pessoas com surdez. Com isso, se faz necessário à compreensão tanto da escola como das famílias a respeito de como se dá o desenvolvimento e a aprendizagem destes. Para efetivação deste trabalho, foi realizada uma busca de materiais bibliográficos onde foi abordada a importância do estudo, pois o tema é pouco difundido e merece ser estudado.

**Palavras-chave:** Surdez. Educação do Surdo. Educação Inclusiva. Educação Especial. LIBRAS.

### ABSTRACT

This study aims to verify whether the family understands the importance of the person with deafness learning the Brazilian Sign Language as being his mother language. With the proposal of Inclusive Education in Brazil, the presence of the public of special education in school context is increasing and it is worth highlighting people with deafness. Thus, it is necessary the mutual understanding of both the school and the families about how are the development and the learning of them. To accomplish this work, a bibliographic material selection was carried out in which the survey importance was approached, since this theme is not widespread and deserves to be studied.

**Keywords:** Deafness. Education of the deaf. Inclusive Education. Special Education. Brazilian Sign Language.

### INTRODUÇÃO

O tema em questão, Libras- Língua Brasileira de Sinais me chamou a atenção para a realização de uma pesquisa pelo desejo em aprofundar os conhecimentos sobre essa língua, pois ao realizar um curso de extensão no Centro Universitário das Integradas de Ourinhos, tive curiosidade em saber como se dá a aprendizagem de um surdo utilizando a Libras como língua materna e o papel da família ao aceitar ou não que seu filho aprenda esta língua.

A esse respeito Ferreira afirma que:

A língua portuguesa é uma língua oral-auditiva, sendo que para os ouvintes adquiri-la se torna uma maneira fácil e natural, pois a todo momento somos expostos a ela. A língua de sinais é uma língua visual-espacial, sendo esta natural para o surdo, pois não é necessário um treinamento para adquiri-la. (FERREIRA, 2015, p.?)

Considerando que a aprendizagem da Libras como essencial para que o surdo no contexto escolar se aproprie da segunda língua a escrita, o presente estudo propõe reflexões a respeito do cotidiano educacional da pessoa com surdez e a prática pedagógica adotada pela escola, assim como questões muitas vezes não compreendidas por professores no que se refere aos aspectos linguísticos, bem como sobre a inserção deste aluno em manifestações artísticas e culturais.

A família, que possui filhos surdos em seu convívio, deve ter clareza de seu papel no sentido de criar condições para que os indivíduos com surdez tenham acesso às Libras – Língua Brasileira de Sinais - como língua materna, para posteriormente o aprendizado da segunda língua. Infelizmente a família pode considerar a Libras, por preconceitos e concepções inadequadas, uma língua inferior e improvável de ser vista como a língua oral.

Segundo Ferreira, (2014, p.22087)

Infelizmente muitos pais não sabem como agir ao descobrir a surdez de seu filho (a), faltando até mesmo informações de profissionais da área a respeito da língua de sinais, mas quanto mais tardio for o contato do surdo com sua língua natural maior será a possibilidade do mesmo ter futuros problemas, emocionais, cognitivos, sendo então firmada a importância em aprender sua língua, LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais desde seu nascimento, quando inicia-se o processo de comunicação.

A língua é um modo de comunicação, que visa garantir a sobrevivência dos seres humanos. Para os ouvintes, a língua materna é de fácil aprendizagem, pois é adquirida por meio dos familiares, pessoas ao redor que estimulam a fala. Para os surdos, adquirir a linguagem é mais difícil, pois é necessário estudo e nem sempre há a colaboração de um sujeito surdo para o indivíduo em aprendizagem.

Como explica Uzan, et al, (2008, p.1):

A comunicação é uma necessidade humana, e as linguagens oral e escrita são as formas mais comuns de comunicação. Por isso, pode-se dizer que a linguagem é natural do ser humano e, através da linguagem, o ser humano estrutura seu pensamento, traduz o que sente, registra o que conhece, se comunica com os outros, produz significação e sentido.

A Libras, reconhecida desde 2002 é a língua oficial da comunidade surda do Brasil. Trata-se de uma língua visual-gestual, que diferentemente da língua portuguesa, que é oral- auditiva, porém exerce a mesma função de garantir comunicação, discutir sobre ideias, sentimentos, desejos e vontades. Todavia, não é

universal, pois cada país tem a sua, por exemplo: Brasil – LIBRAS e nos EUA – *ASL- American Sign Language*, que é a Língua de Sinais Americana, porém, é completa e cheia de significados.

Para o surdo, a LIBRAS deve ser sua língua materna, para que o mesmo possa se apropriar naturalmente de questões para que haja a compreensão do mundo, também facilitando a compreensão de palavras e seus significados no contexto da vida. Por isso, é muito importante para o sujeito surdo aprender a Libras e conseqüentemente, aprender a segunda língua, sendo assim um sujeito bilíngüe.

Enfatizaremos também sobre o papel da família na compreensão da importância da Libras como aquela que dará condições a aprendizagem da segunda língua ao surdo, a escrita, considerando que muitas vezes não colaboram para o avanço da aprendizagem da LIBRAS enquanto língua materna para o surdo, conforme explica Ferreira (2015 p. 22086):

Para tanto, a família se torna a principal fonte incentivadora para que a criança surda tenha o contato com sua língua natural desde os primeiros anos de vida, muitas vezes os pais não aceitam a língua de sinais, prejudicando o desenvolvimento cognitivo, emocional e pessoal da criança.

Sendo assim, a família é de suma importância para colaborar no desenvolvimento da linguagem e comunicação do filho surdo, para que este possa também ser um cidadão com princípios e valores.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **PERCURSO HISTÓRICO**

Para Ramos et al. (2014) traz um breve histórico da educação de surdos explicando que: a surdez, desde os tempos antigos, apresenta sujeitos que foram maltratados, excluídos e fora da margem da sociedade. Pessoas surdas eram mortas jogadas dos penhascos, montanhas, eram oferecidas em sacrifícios, com o intuito de manter a eugenia, ou seja, só pessoas de corpo e mente bons poderiam viver em sociedade.

Depois, passaram a pensar na surdez como uma condição divina, ligada à vontade do Senhor. Sendo assim, sujeitos surdos até teriam o direito de viver, porém uma vida com restrições: não poderiam herdar bens, não se casariam, etc. Santo Agostinho traz o surdo como resultado de uma condenação divina e, Paulo, na Epístola dos Romanos, na Bíblia, traz que a fé provém do “ouvir” de Cristo, portanto, os surdos eram vistos como impuros, fruto do castigo de pecados humanos.

Ainda nos dias atuais, podemos evidenciar que há perversidade causada contra os surdos devido ao preconceito e crenças inadequadas. Com o desejo de mudar concepções a respeito de pessoas com surdez, homens comuns começaram a pensar uma maneira que a surdez não prejudicasse a aprendizagem. Girolamo Cardano pai de um filho surdo (1501-1576), o monge Pedro Ponce de Leon, que ensinava no mosteiro os filhos da elite surda numa linguagem articulada, - enquanto que, os menos favorecidos estariam passando por necessidades, privações, falta de emprego, miséria e exclusão social.

Ponce de Leon teria iniciado primeiramente o ensino da escrita, por meio de nomes e objetos, e conseqüentemente o ensino da fala, por elementos fonéticos. No século XVIII, autores como o alemão Samuel Heinich, o francês abade Charles Michel de L'Épée, e o inglês Thomas Braidwood desenvolveram diferentes metodologias para promover a educação à pessoa surda.

Esses métodos foram aprimorados por meio de Congressos em Veneza, Paris, Milão e trouxeram oralistas para defender o método oral, que na época foi considerada como a melhor, visto que a surdez era vista como um problema de ordem biológica e que havia necessidade de cura.

Segundo Ramos, et al, (2014), p.9:

A partir da década de 1970, Willian Stokoe publicou um artigo chamado *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf* – explica que a ASL (Língua Americana de Sinais) é uma língua com todas as características das línguas orais. Então, a partir disso originou uma linguagem de sinais e outros códigos manuais voltados para a educação da criança surda.

No mesmo período, Dorothy Schifflet mãe de surdo e professora, contribuiu criando o Método *Total Approach*, ou Abordagem Total, que trata-se de: “conciliar a língua de sinais aliada à língua oral, leitura labial, treino auditivo e alfabeto manual.”

Em 1968, Holcom criou o *Total Communication*, fruto de aprimoramento do *Total Approach*. A nova metodologia engloba todas as formas de comunicação para o surdo. Posteriormente, nas décadas de 1980 e 1990, surge a comunicação bilíngüe, em momentos usava-se a língua de sinais, outra, a língua oral e não as duas concomitantemente.

No Brasil, a educação de surdos se deu em 1855, com o professor francês surdo Ernest Huet, que criou uma escola para os estudantes surdos do Rio de Janeiro.

Nessa época de Império de D. Pedro II, foi criado o Imperial Instituto de Surdos Mudos pela Lei nº 839, que traz o método combinado. Depois, esta instituição passa a se chamar Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), tem como proposta de currículo ofertar disciplinas de Português, Aritmética, História, Geografia, Linguagem Articulada e Leitura para Lábios (para os que soubessem).

O INES funcionava como um asilo para alunos do sexo masculino que eram trazidos de todo o país e eram abandonados. A língua usada era a Língua de Sinais, que passou a ser proibida pela diretora Ana Rímola de Faria Doria. Mesmo com a proibição, os estudantes não deixaram de praticar e conversar, sejam nos corredores e pátios da escola. Assim, o método de L'Épée continuou até 1901.

Em 1930, o INES passou a ser visto a partir da ótica da visão clínico-terapêutica, partindo para uma concepção oralista, pois também passa a fazer parte do Ministério da Educação e Saúde.

Esta escola não foi a única iniciativa pensada para os surdos. Em São Paulo, possui antigas escolas para os surdos, como a fundada em 1929, pelo bispo D. Francisco de Campos Barreto, a Instituição Santa Terezinha, na cidade de Campinas, para alunas do sexo feminino. Posteriormente, em 1933, foi transferido para São Paulo e no ano de 1970 atendeu meninos e meninas.

Outra escola muito importante foi criada em 1954, o IESP- Instituto Educacional de São Paulo, mas em 1969, modificou o nome, sendo DERDIC- vinculado a PUC-Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP).

Conforme Ramos, et al, (2014, p.11)

[...] o objetivo destas escolas especiais era realizar um trabalho, sobretudo no ensino fundamental, e posteriormente, encaminhar os educandos surdos ao ensino regular para que fossem "integrados" aos demais alunos ouvintes. Para tanto, esse trabalho era embasado na oralização desenvolvido através do treino da fala.

O método oral foi utilizado por muito tempo, pois a língua de sinais não era praticada, pensava-se que os surdos deveriam aprender a falar para poder ser alfabetizado, para assim alcançar uma boa convivência com pessoas ouvintes.

Neste período oralista, muitas pessoas surdas sofreram castigos, represálias e perseguições por fazer uso da língua de sinais. Embora o oralismo fosse colocado como forma de promover a comunicação, a alfabetização e a integração dos surdos, esse propósito não foi alcançado, abrindo espaço para uma outra filosofia, denominado de Comunicação Total.

A Comunicação Total no Brasil foi trazida por Ivete Vasconcelos, educadora de surdos na Universidade Gallaudet e utilizava recursos linguísticos, orais e visuais simultaneamente que melhorou significativamente, a comunicação entre surdos e ouvintes, porém não foi satisfatória para a leitura e escrita das crianças.

Conforme explicita Ramos, et al (2014, p. 12): “Na década seguinte, surge o bilinguismo, embasados nas propostas de Lucinda Ferreira Brito, que traz a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)”. Para seguir o padrão internacional, ela denominou como Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB) e para diferenciara Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB), utilizada pelo povo indígena Urubu-Kaapor do estado do Maranhão. A partir de 1994, Lucinda utiliza a abreviação LIBRAS que foi designada pela própria comunidade surda.

De acordo com Ramos, et al (2014, p.12) “o bilinguismo é a corrente que mais adeptos possui pelo mundo e no Brasil, pois trata-se de uma abordagem completa e que tem se apresentado de forma bastante eficaz aos surdos.”

Portanto, o bilinguismo gera possibilidade ao desenvolvimento pleno do indivíduo surdo nas suas capacidades cognitivas, emocional e pessoal.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a realização dessa pesquisa, foi possível ver que a Libras se faz realmente necessária para o indivíduo surdo, pois adquirindo esta língua, o sujeito apropria-se de autonomia para compreender o mundo, as palavras e os significados, garantindo assim que seja possível aprender a segunda língua e ser um cidadão bilíngue.

Todavia, a família precisa ser conscientizada sobre a necessidade de ter a Libras como língua materna a fim de compreender e apoiar o filho surdo para que o mesmo seja livre para se expressar, viver, estudar, uma vez que, sem a aquisição da Libras é possível, mas, mais complexo a sua aprendizagem no contexto escolar.

### **REFERÊNCIAS**

FERREIRA, L. B. J; **Língua Brasileira De Sinais - Libras, Língua Natural Do Sujeito Surdo**. Grupo de Trabalho de Pesquisa: Diversidade e Inclusão Agência Financiadora: não contou com financiamento. 2015.

RAMOS, D. M. et al: **Deficiência Auditiva/ Surdez**. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, p.3-15, 2014.

ROCHA, L. R. M. et al: **Surdez, Educação Bilíngue e Libras: Perspectivas Atuais**. Editora CRV. p. 29-43, 2016.

UZAN, A. J. S., OLIVEIRA, M. R. T. O., LEON, O. R. **A importância da Língua Brasileira de Sinais – (LIBRAS) como língua materna no contexto da Escola do Ensino Fundamental**. Paraíba-PB: XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós- Graduação- Universidade do Vale da Paraíba, 2008. Disponível em: Acesso em 21 de maio de 2019.